



UMA PERFORMANCE DRAG RUMO A ZONAS DE FRONTEIRA: UÝRA — A "A ÁRVORE QUE ANDA"

Elis de Souza Rockenbachⁱ
UFMG

RESUMO

Investigando as potencialidades do fenômeno “dragficação” como uma forma de observar a produção artística contemporânea, partimos de uma revisão narrativa com base referencial inicial de Louro (2013), Borriaud (2009) e Cardoso (2023), e analisamos a obra “Ponto Final, Ponto Seguido. Dois Atos: pra lembrar, pra curar” (2022), da artista visual Uýra Sodoma, contextualizando a obra na produção e poética desta artista. Para o exercício de análise, propomos a ideia de “lente drag” como aparato metodológico poético, aferindo como resultados parciais a identificação de aspectos de corporificações, efemeridades, materialidades, justaposições e contrastes, evidenciando não-dicotomias, que presentificam o fenômeno estudado, revelando essas características como abordagem estética, discursiva e política, desafiando normas sociais e vivificando outras narrativas.

PALAVRAS-CHAVE

Artes visuais. Arte contemporânea. Identidade. Dragficação. Lente drag.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisaⁱⁱ explora, em processos poéticos artísticos, o fenômeno “dragficação”, conceito proposto por Sandro Cardoso (2023). Utilizando uma revisão narrativa, o estudo se baseia nas ideias de Guacira Lopes Louro (2013) sobre identidades, fragmentos e fronteiras, a partir de sua análise da persona drag queen, aliadas às possibilidades encontradas na produção artística contemporânea — em suas diversidade de técnicas, operações e discursos, segundo Nicolas Bourriaud (2009).

Nesse contexto, nos enveredamos pelos pensamentos radiculares das árvores do conhecimentoⁱⁱⁱ. Interessa-nos a criação de si mesmo — autopoiese —, essa capacidade dos sistemas vivos de se auto-organizarem e se manterem. Assim, observamos a emergência de uma entidade no cenário da Arte Contemporânea brasileira: Uýra Sodoma — a árvore que anda (1991), cujo nome é reverência. Uýra foi amadrinhada por uma árvore que anda, a Paxiúba (*Socratea exorrhiza*), espécie nativa da região amazense que se desloca em busca de terras mais férteis e luz solar, “andando” com suas raízes^{iv} (Imagem 1).



Imagem 1 -Paxiúba (*Socratea exorrhiza*), “a árvore que anda”, Fotografia digital colorida, Foto: João Marcos Rosa/Nitro. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/paxiuba/>. Acesso: 02 maio 2024.

Vemos a potência de uma herança indígena operacionalizada através do fazer drag nas obras e poéticas dessa artista. Ambas as culturas — indígena e drag — contam com tecnologias de resistência, que não apenas garantiram sua sobrevivência até o momento, mas que também abrem novas perspectivas para o futuro.

Dentro da própria pesquisa, para podermos analisar as obras de arte conforme suas especificidades, estamos elaborando um aparato poético-metodológico, denominado “lente drag”. Por sua aptidão multifocal, essa lente permite um olhar para as fronteiras — essa zona de encontro —, buscando na margem o limiar do fenômeno “dragficação”. A performance “Ponto Final, Ponto Seguido. Dois Atos: pra lembrar, pra curar” (2022) de Uýra é enfocada pela nossa lente e aferimos nesse repertório visual os traços do fenômeno estudado, a fim de investigar de que forma a artista diz sobre o mundo utilizam elementos da arte drag, com aspectos de corporificação, efemeridade e um rastro material muito presente. Esses elementos, combinados e contrastantes, resultam em transitoriedades que fogem à dicotomia e se configuram como uma abordagem estética, discursiva e política no campo da arte.

DRAGFICAÇÃO: RUMO ÀS FRONTEIRAS

No contexto desta pesquisa em desenvolvimento, o conceito de “dragficação” é tanto uma problemática — um conjunto de questões levantadas em relação aos meios,



pontos de vista e focos do estudo — e um dispositivo conceitual para se pensar as Artes Visuais na contemporaneidade (Cardoso, 2023). Essas ideias partem da visualidade, das questões relacionadas ao fazer drag e da figura “drag queen” como elemento disparador.

Desde a década de 1960, o campo das artes visuais expandiu-se à pluralidade de práticas, materialidades e discursos possíveis, com parâmetros e formas de operacionalização singulares. A produção artística passou a evidenciar “[...] um mundo multifacetado de ampla oferta para a criação artística” (Bourriaud, 2009), aproximando-se do cotidiano, o que acentua a presença das “coisas” do mundo como elementos possíveis *da* e *na* arte. Trata-se de um momento histórico de criação em que uma pluralidade de contextos e vozes também são amplificados, trazendo ao campo da arte discursos e figuras antes apartadas, abordando questões de âmbito sociopolítico e articulando com atitudes e procedimentos interseções nas lutas por direitos de grupos marginalizados^v. Disrupções e rasuras, com o ruir do modernismo, começam a produzir o lastro para o estabelecimento do pós-modernismo e daquilo que passamos a identificar como arte contemporânea. Podemos associar essa situação à noção de “fronteiras” proposta por Louro (2013), como zona de encontro desestabilizadora de certezas onde se encontram potencialidades do fazer drag.

Em seu texto *Viajantes pós-modernos*, Louro (2013) nos apresenta uma definição de arte drag^{vi} que situa tal fazer para além de uma linguagem artística performática presente em distintos territórios culturais como cinema, literatura, artes visuais, etc. Sua presença evidencia, também, a performatividade das identidades e sexualidades^{vii} — embora não se centralize apenas nisso —, operacionalizando alteridades e fabricando modos de existência que desafiam narrativas hegemônicas, fixas e estáveis: “[...] a ‘dragficação’ produz estranhamentos, contradições e rupturas de limites e padrões estabelecidos tanto na sociedade, quanto na arte” (Cardoso, 2023), sendo proposta nesta investigação como um conceito operatório possível na produção artística contemporânea. Tensiona, assim, o que pode ser considerado uma forma de existir artística, como um “devir drag”, proposto como uma zona produtora de infinitas possibilidades na Arte Contemporânea, nos levando a refletir sobre uma rasura, um modo de inscrição de outras narrativas sobre os já escritos, e muito bem instituídos, discursos hegemônicos.

“PONTO SEGUIDO” E O CRIAR A SI MESMO

De que material, traços, restos e vestígios ela [drag] se faz? Como se faz? Como fabrica seu corpo? Onde busca as referências para seus gestos, seu modo de ser e de estar? A quem imita? Que princípios ou normas “cita” e repete? Onde os aprendeu?

(Louro, 2013, p. 20 - 21).

Para compor uma análise em consonância às perguntas presentes na epígrafe, contamos com a “lente drag”: uma tecnologia protética — e poética. Ávida por rachaduras, é multifocal e, por isso, permite um olhar para as fronteiras, essas zonas



de encontro. É uma forma analítico-performativa, um ato, um gesto, que demanda uma presença que observa junto: é uma forma de nos colocarmos em relação, coexistindo com o que desejamos estudar. Deste modo, a "lente drag" não apenas se inspira na cultura drag, mas também compartilha de sua essência de questionamento, transgressão e atenção para contradições, se tornando um instrumento poderoso para explorar e compreender as complexidades e multiplicidades presentes nas obras de arte contemporânea e, por ser sensível ao que observa, é uma lente que se transforma a cada observação. Assim, aqui enfocamos a poética insurgente de Uýra Sodoma, integrante do coletivo Themonias^{viii}, para investigar as manifestações dos aspectos que nos afetam no prisma da dragificação.



Imagem 2. Uýra Sodoma. Série Elementar "Sem título", 2017, 100 x 150 cm, Foto: Keila Serruya. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2022/04/S%c3%a9rie-Elementar-Lama-2017-Foto-Keila-Serruya-2.jpg>. Acesso em: 02 maio 2024.

Uýra Sodoma (Santarém, PA, 1991) é indígena da Amazônia Central. Mestre em Biologia, leva essa bagagem em sua atuação como artista visual, pesquisadora e arte-educadora em comunidades tradicionais. Uýra incorpora a árvore que anda em suas performances (Imagens 2 e 3). Vemos os conceitos operatórios "corpo" e "relação" em ação no interstício dos seres e território floresta-cidade.



Imagem 3. Uýra, Sodoma Série Mil Quase Mortos, “Ensaio Caos”, 2018, Fotografia digital colorida, Foto: Matheus Belém. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2022/04/Foto-Matheus-Bel%c3%a9m-2018-S%c3%a9rie-Mil-Quase-Mortos-Ensaio-Caos-2-2.jpg>. Acesso em: 02 maio 2024

Em “Ponto Final, Ponto Seguido. Dois atos: pra lembrar, pra curar” (2022) (Imagem 4), Uýra fabrica seu corpo com memória, com presença, com carne viva e pulsante. A artista pisa a terra — tão “suja”, tão viva — e a espalha com as mãos plantando, em rito, a memória e a vida sobre o asfalto: a cura.

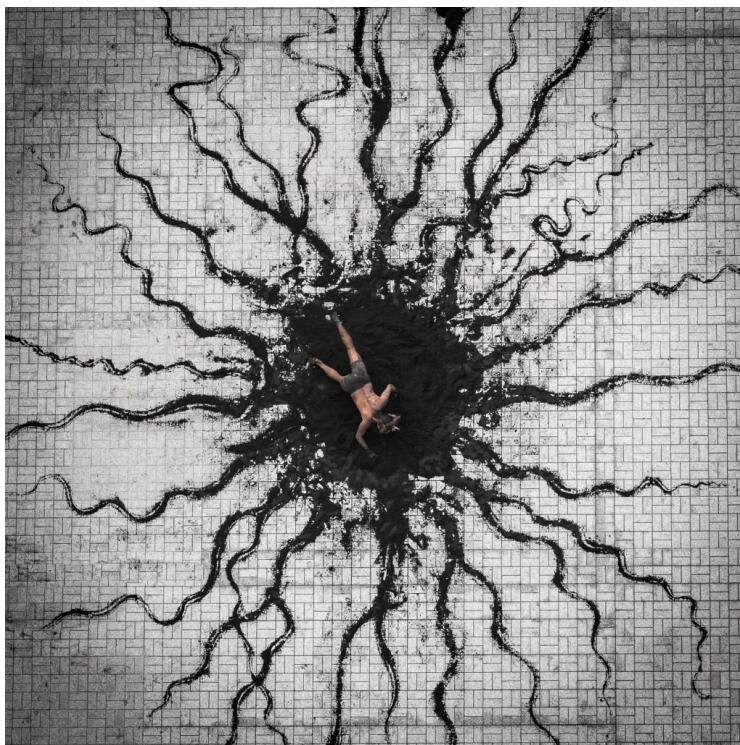


Imagem 4. Uýra, Sodoma “Ponto Final, Ponto Seguido. Dois atos: pra lembrar, pra curar” (2022)
Fotografia digital colorida, Foto de: Matheus José Maria. Disponível em:
https://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2022/04/Performance-Ponto-Final-Ponto-Seguido_foto-por-Matheus-Jose-Maria.jpg. Acesso em: 02 maio 2024.

Notamos, na obra, o discurso acerca do corpo, de suas metonímias e metáforas, dos vestígios e das materialidades, traços visados pela dragificação em sua manifestação. Uýra pensa e ativa ressurgimentos de Vida, até então encoberta pelas materialidades asfaltadas dos imaginários coloniais. Ela nos lembra que terras, memórias, águas e florestas dormem logo abaixo e não tardam a despertar. Nesta ação (Imagem 5), a “drag” está dada, com suas características de efemeridade, performance, apropriação, fabricação de corpo, alteridades, etc., reivindicada pela artista como um ponto de partida — é o primeiro passo, e o caminho é adiante: é um caminhar junto, é um caminhar drag.



Imagem 5. Uýra, Sodoma “Ponto Final, Ponto Seguido. Dois atos: pra lembrar, pra curar” (2022), Fotografia digital colorida, Foto de divulgação da 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de SP, utilizada pelo jornal Em Tempo (Manaus). Disponível em: <https://emtempo.com.br/53256/cultura/uyra-sodoma-estreia-na-13a-bienal-internacional-de-arquitetura-de-sp/>. Acesso em: 02 maio 2024.

No registro da performance, vemos o contraste matérico da terra e do cimento, além do contraste da forma orgânica desenhada nos veios de terra e o quadriculado da calçada (Imagem 6). A cidade funciona como fundo/moldura para algo tão material e coexistente que emerge, despertando. Ancestral, esse algo parece ser outro, essa alteridade espaçotemporal realça o que compõe as cidades, o que as constroem e o que as sustentam: a terra, o solo. Observar a instauração da obra é como assistir a um quadro vivo que se pinta. Toda essa discussão, pela amplitude do campo semântico que evoca e pela superfície de contato da sua trama conceitual, faz com que retomemos a provocação: a “fronteira” de Louro (2013) está exposta, a invisibilidade foi desfeita. Uma entidade drag nos aguarda ali: uma figura híbrida, ambígua, múltipla, transcestral, indígena – uma árvore que anda.



Imagem 6. Uýra, Sodoma “Ponto Final, Ponto Seguido. Dois atos: pra lembrar, pra curar” (2022), Fotografia digital colorida, Foto de divulgação da 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de SP, utilizada pelo jornal Em Tempo (Manaus). Disponível em: <https://emtempo.com.br/53256/cultura/uyra-sodoma-estreia-na-13a-bienal-internacional-de-arquitetura-de-sp/>. Acesso em: 02 maio 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto prática artística, o fazer drag:

Manifesta-se em distintos suportes, meios e plataformas, das artes à mídia. Como visualidade e conceito, elabora-se a partir da mistura/montagem de elementos dos mais variados contextos e significados, articulados na performance e no corpo de artistas (Cardoso, 2023, p. 3).

Por meio de suas performances e produções, Uýra Sodoma não apenas desafia as convenções artísticas, mas também abre caminho para diálogos interculturais e transdisciplinares, promovendo conscientização sobre questões sociais, ambientais e políticas. Sua obra convida o espectador a mergulhar em um universo de significados e possibilidades, em que a arte se torna um instrumento de transformação. Sua mistura de elementos traz consigo contradições e rupturas extravasando em terra viva sobre o asfalto formas discursivas e visuais que manifestam o fenômeno estudado.

“O cálamo que repousa sobre uma superfície — pele? papel? pergaminho? [asfalto?] — coloca o tempo em suspensão” (Tessler, 2014, p.16). Isso que flutua, essa espacialidade do tempo tensiona o que situa essas obras. Qual o suporte? O que elas próprias e seus tempos relacionais colocam em suspensão? Nesse espaço, nesse *entre*, inserem-se outros discursos contra-hegemônicos. É aqui que temos a possibilidade da rasura, é aqui o exercício mais próximo da alteridade. A obra de Uýra



reforça as questões que buscamos abordar na investigação da dragificação: performatividade, corporificação, alteridade, identidade e materialidades. Assim, segundo Cardoso (2023), podemos perceber a “dragificação” como um conceito operatório para se pensar na produção artística atual: afinal, o que poderia ser um objeto de arte senão uma forma drag de existir?^{ix}

Referências

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. São Paulo: Martins, 2009.

CARDOSO, Sandro Ouriques. Antes que a noite acabe: reflexões sobre a dragificação como problemática em uma investigação artística. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, Encontro Nacional da ANPAP, 32 – Formas de Vida.2023**, Fortaleza. Anais eletrônicos [...]: Anpap, 2023, p. 1 - 14. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/668762-antes-que-a-noite-acabe--reflexoes-sobre-a-dragficacao-como-problematICA-em-uma-investigacao-artistica>. Acesso em: 19 abr. 2024.

LOPES, Fernanda. **Uýra Sodoma, estreia na 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de SP**. Manaus: Em Tempo, 02 de junho de 2022. Disponível em: <https://emtempo.com.br/53256/cultura/uyra-sodoma-estreia-na-13a-bienal-internacional-de-arquitetura-de-sp/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). Viajantes pós-modernos. In MARTINS, Cecília; LAMAS, Rafaela. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 11-27.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, v. 2, 2001.

MENECHINO, Walter Téle, **Você sabia que existe uma espécie de árvore que anda?** Ponta Grossa: DC Mais, 6 de maio 2022. Disponível em: <https://dcmais.com.br/brasil/voce-sabia-que-existe-uma-especie-de-arvore-que-anda/> Acesso em: 20 abr. 2024.

PAXIÙBA. Inhotim, **INHOTIM**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/paxiuba/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

TESSLER, Elida. Prefácio, in: SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto Inacabado Processo de Criação Artística**. São Paulo: Intermeios, 6º edição, 2014.

THEMONIAS, revista themonias, **O hierogrito como manifesto na panthemonica pandemia**. Belém-Pará: primeira edição, online, SET 2020 | Nº 01. Disponível em: <https://tr.ee/yzlhoTx8mx>. Acesso em: 18 abr. 2024.

UÝRA. **Prêmio PIPA**, 2024. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/uyra/>. Acesso em: 15 abr. 2024.



ⁱ Graduanda em Artes Visuais (bacharel em Desenho) e bolsista de projeto de iniciação científica pela Escola na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Aluna: Universidade Federal de Minas Gerais - Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-901. E-mail: elisrockenbach1234@gmail.com. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/2175086900224132>.

ⁱⁱ A pesquisa integra o projeto de iniciação científica “A ‘dragificação’ como fenômeno cultural e problemática na produção artística contemporânea” (UFMG, 2024) sob coordenação do prof. dr. Sandro Cardoso (Sandro Ka).

ⁱⁱⁱ A “Árvore do Conhecimento” é uma obra escrita por Humberto Maturana e Francisco Varela, publicada em 1987. Neste livro, os autores abordam a teoria da autopoiese e como a cognição está intrinsecamente ligada à vida e à interação dos organismos com o ambiente, enfatizando a interconexão e a complexidade dos sistemas vivos e as relações entre eles. Assim, a partir dessas metáforas, e do recorte proposto pelo evento “33º ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP – VIDAS” interessa-nos a figura das raízes, por isso buscamos nos sistemas radiculares pensamentos e poéticas que emergem neste contexto, e como reivindicam esses saberes de “raízes”, esses saberes ancestrais.

^{iv} As raízes se movem em busca de terras mais férteis e localidades que propiciem mais luz solar. O que explica esse movimento é a fisiologia da espécie, que através de forma de crescimento de suas raízes, com o envelhecimento e apodrecimento das mais antigas, o tronco se desloca junto às raízes mais novas. Mais informações podem ser consultadas na página do jornal “DC Mais”: <https://dcmais.com.br/brasil/voce-sabia-que-existe-uma-especie-de-arvore-que-anda/>.

^v Um exemplo que habita esses discursos e se materializa em atitudes é o *queer*, por exemplo, que, por não ter uma tradução em português, acaba sendo uma palavra-lugar, uma palavra-fronteira, um conceito essencialmente aberto e não fixo. Trata-se de um conceito apropriado e reescrito (cuir, kuir, etc) o que localiza e historiciza o termo e gera inúmeras propostas - por vezes, contraditórias, títulos de obras e obras de arte em si, ao longo de cada ano que passa.

^{vi} A arte drag é uma prática artística produzida por artistas e performers — drag queens e transformistas e afins —, como um fenômeno que atravessa campos e linguagens, evidenciando binarismos, trânsitos, fronteiras e performatividade das identidades e do gênero (LOURO, 2013).

^{vii} Embora as raízes da drag se relacionem ao território de gênero e da sexualidade como uma linguagem artística associada à expressão, identidade, manifestação e transgressão, o transbordamento do fenômeno drag não fica restrito à essa conexão, estendendo suas características por variadas obras no campo artístico. Oportunamente esse aspecto voltará à pesquisa de forma aprofundada.

^{viii} As “Themônias” é um coletivo de artistas paraenses LGBTQIA+, segundo a integrante Sarita é um “Movimento que combina a experiência sensível das artes, ao fortalecimento de comportamentos sociais autênticos, não sistematizado para a descolonização dos corpos.” partindo do encontro entre o global e o local, fazendo um trocadilho com demônias (the monias), performando com drags “montras”, atuam na construção estética e montagem na Amazônia, fortalecendo a cena drag local e dando ouvidos e vozes à complexidade espacial das Amazônias. Para mais informações, consultar o programa proposto pelas artistas disponível na primeira edição da Revista Themônia Manifesto: O hierogrito como manifesto na panthemonica pandemia, disponível em: <https://tr.ee/yzlhoTx8mx>.

^{ix} Cf. nota 4.